

O Amor Através dos Tempos nas Uniões Conjugais

Maria Luiza Puglisi Munhoz¹

Resumo

Este estudo tem como proposta delinear um percurso histórico sobre as diferentes concepções de Amor nas uniões conjugais. O relacionamento Amoroso entre um homem e uma mulher tem sido o principal motivo da aproximação e manutenção de uma união conjugal, sofrendo transformações, em virtude dos significados atribuídos em diferentes momentos históricos e culturais. É difícil defini-lo, devido à variedade de sentimentos que o acompanham, com predomínio do significado paradoxal entre prazer e sofrimento. Percorrendo a trajetória do mito do Amor desde o início do cristianismo chega-se à pós-modernidade, com Maturana, que defende ser o desAmor a causa do sofrimento humano e, a seguir, procura-se compreender as contradições do ato de amar na complexidade das relações atuais, a partir das concepções de Morin. O que se conclui neste relato teórico é que falar sobre Amor não se esgota, porque é um tema indissociável à existência humana.

Palavras chaves: concepções de amor; uniões conjugais; pensamento complexo.

Love in Marriage Throughout the Times

Abstract

This research proposal is to draw an historical line about the different conceptions of love inside the marriage. The relationship between man and woman based on love has been the fundamental reason of marriage, but it suffers transformations due to the different meanings attributed to it in different historical moments and cultural grounds. It's hard to define it because of a variety of feelings that comes along with it, with the predominance of the paradoxical meaning between pleasure and suffering. Searching the mythology course of love since the beginning of Christianity we arrive at the post modernity, with Maturana considering the loveless

¹ Maria Luiza Puglisi Munhoz, Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica (PUC/SP); Especialista em Terapia de Famílias e Casais; Professora e Pesquisadora do Programa de Mestrado em Psicologia Educacional da UNIFIEO/SP; Conselheira do CDC (2006-2010) e Vice-Presidente da APTF (2008-2010).

as the origin of human suffering. We analyse the experience of love in the context of the of present relations complexity, as conceived by Morin. The theoretical conclusion is that the theme of love is endless, because it's an inseparable theme on human existence.

Keywords: love conceptions; marriage; complex thought.

*“O Amor faz comunicar e une aquilo que,
de outro modo, nunca se encontraria;
a comunicação faz amar aquilo que,
de outro modo, nunca se conheceria...”*

Edgar Morin

Introdução

O Amor pode ser definido de diversas maneiras e ser descrito com diferentes formatos e aparências. Pode ser considerado como uma emoção, um sentimento uma atitude única ou um conjunto de comportamentos. Pode também ser visto como uma orientação individual, ou um vínculo entre duas ou mais pessoas. Mútuo ou unidirecional, satisfatório ou frustrante. Pode ser dirigido a uma criança, a um adulto, a um grupo social ou étnico, a Deus, ao país ou à natureza. Trata-se de um tema mágico e misterioso, que desafia não só a filosofia, a psicologia, a religião, mas também a cada um de nós em suas exigências pessoais, pautadas nos significados impostos pelas diferentes sociedades, ao longo da história da humanidade (Montoro, 2010).

Diversos filósofos e pensadores afirmaram que o ser humano não pode ser pensado individualmente, dissociado de seus vínculos sociais e afetivos. De fato, o relacionamento Amoroso entre um homem e uma mulher tem sido considerado o primeiro e principal motivo da aproximação e manutenção de uma relação. O interesse pessoal nas escolhas conjugais tornou-se o foco de inúmeras controvérsias, amplamente, encontradas em prosa e verso e que ressaltam as influências dos valores morais e imposições sociais de cada época.

A origem destas controvérsias está nas obrigações impostas pela moral cristã que se apropriou dos princípios estoicos sobre as relações matrimoniais. Os teólogos da Igreja exaltavam com força de mandamento que o homem deveria amar sua esposa como se fosse o seu próprio corpo, ao mesmo tempo em que assimilavam os valores da ascese, da contemplação nas relações dos casais, não permitindo que vivenciassem os prazeres do ato Amoroso que não estivesse voltado para a procriação. Com a sacramentalização do ato sexual, signo da união corpórea entre Deus e a Igreja, equilibrando o *mal* da cópula com o *bem* do

coito procriativo, o *verdadeiro* Amor conjugal passa a ser aquele que se submete à disciplina da *continência* (Vainfas, 1986).

Paulo, o Apóstolo, sintetiza o pensamento da época: "Os maridos devem amar as suas mulheres, como ao seu próprio corpo (...) como Cristo o faz à sua Igreja, sem mácula, sem ruga, ou algum defeito semelhante, mas santa e imaculada" (Eps. Ef. V, 25,27).

O Amor conjugal como o espelho do Amor divino se expressa na literatura popular, secular e religiosa do final do século XVI e início do XVII como um sentimento terno, leal, profundo e piedoso, no qual permanece a união de corpo e alma dos dois nubentes, unidos como se fossem um só, vivendo em harmonia e sob o temor de Deus. O Amor no casamento era admitido sem qualquer dúvida como o remédio da concupiscência, mas reticente quanto ao desejo e um segredo quanto à expressão, não podia ser declarado, deveria ser sublimado por desconfiar do prazer (Vainfas, 1986). À esposa era devido o recato e o pudor. Não lhe era permitido demonstrar desejo ao prazer sexual sem ser considerada uma desavergonhada, em função da moral religiosa que impunha à mulher o papel de baluarte sustentador da pureza matrimonial. Ao homem impunha conhecer as necessidades da mulher e satisfazê-la em seus desejos. Assim a felicidade seria alcançada, como diz Arendt, em Santo Agostinho "...a felicidade só é alcançada quando o amado se torna um elemento permanente, inerente de nosso próprio ser." (1996, p. 19). Para esse santo, só esse Amor verdadeiro poderia ser eterno.

Amor-Reserva, Amor-Paixão e Amor-Cortês nas relações conjugais

Ariés (1985) analisa o silêncio sempre presente em alguns domínios da vida do homem. Para ele, o Amor conjugal era um dos domínios silenciados no casamento e a partir dessa análise reconhece e denuncia as duas existências do Amor: o Amor-Reserva, no casamento, autorizando o Amor-Paixão, fora do casamento.

Pelo Amor-Reserva, do qual fala Ariés (1985): "...os maridos eram convidados a amar suas esposas e estas eram convidadas a ser dedicadas e submissas a eles" (p. 158). Devido às diferenças entre os cônjuges, e à complementariedade entre marido e esposa iriam se tornar um só corpo não apenas pela penetração dos sexos mas pela confiança mútua, o apego recíproco e a identificação de um com o outro. Um Amor assim, apropriação, com a perspectiva de ser perene, duradouro, não vinha de uma só vez; não era necessário que pré-existisse ao casamento, mas era esperado que fosse construído com o vivenciar da união. Para isso, procurava-se evitar que os interesses pessoais, considerados menos importantes, perturbassem as simpatias entre os cônjuges. Foi uma concepção bastante aceita na época dos casamentos negociados, em função das alianças de famílias, dos bens patrimoniais, perpetuando valores e ensinamentos através da descendência.

Por sua vez o Amor-Paixão era baseado no Amor à primeira vista, sob o jugo da Flexa de Eros, com a característica de ser repentino e imprevisível como um dardo mortal; um Amor erotizado, com início febril, florescimento e fim (Ariés, 1985). Expulso do casamento era reconhecido nas uniões ilícitas, proibidas, por conter amalgamado em sua composição uma espécie de magia, de algo desconhecido que impulsionava os amantes na busca dos desafios, contrário à insipidez e à monotonia dos laços legítimos, no qual o Amor perde o atrativo por não existir obstáculos entre marido e esposa. Como diz Rougemont (1988) "... é preciso recriar obstáculos para poder de novo desejar e para exaltar esse desejo ao nível de uma paixão intensa" (p. 199).

Para Giddens (1992), aprofundando seus estudos sobre as questões da intimidade do casal, refere-se ao Amor apaixonado, como uma conexão entre o Amor e a ligação sexual. Denominado de *amour passion*, por ser considerado como perturbador das relações pessoais, da ordem e dos deveres sociais e, por isso, perigoso: "...arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios" (p. 48).

Na pré-modernidade das sociedades européias e no Brasil, como herdeiro dos modelos portugueses, a maior parte dos casamentos tinha como base o alicerce da situação econômica e não da atração sexual. Encontram-se relatos da vida camponesa na França e Alemanha (séc. XVII) em que os beijos, carícias e outras expressões afetivas próprias do Amor apaixonado não eram frequentes nas relações entre casais. Somente nos grupos da aristocracia é que se permitiam essas licenciosidades, camadas em que as mulheres respeitáveis eram liberadas das exigências de reprodução e dos trabalhos rotineiros. No entanto, as oportunidades para os homens se envolverem em ligações Amorosas, extraconjugais, eram frequentes e numerosas.

Com a evolução dos valores da moralidade, as sociedades tenderam a aproximar as duas formas de Amor na busca de um bom termo entre as características normatizadoras do Amor conjugal e as fontes criativas, imaginárias, do Amor apaixonado. Desta fusão surgirá o Amor-Cortês, profundamente enraizado na cultura popular, concebido pelos poetas e historiadores como os Amores reunidos e idealizados. Tal forma de Amor será priorizada e fará com que a união de corpo, mente e espírito entre o homem e mulher se torne o relacionamento emocional prevalescente.

Para Macfarlane (1990) os sonetos e peças de Shakespeare, final do século XVI, mostram os relacionamentos de corpo e alma presentes nas uniões conjugais:

... não são as mulheres tidas como fracas apenas porque sua natureza é pura? E não serão necessárias apenas porque o homem não consegue viver sem sua companhia? Quando estamos desamparados, elas nos confortam; melancólicos, nos animam; elas têm o poder de nos livrar das portas do inferno. Exasperados, suas línguas musicais afastam os

maus espíritos; enfeitados, seu Amor desarma os demônios torturantes; e quando somos tragados no abismo da licenciosidade, elas nos ajudam a escapar da fornalha infernal (p.169).

Malthus, vivendo no final do século XVIII, afirma que o casamento se deve, sobretudo, ao Amor e à relação conjugal, que ao ser assumido, deve ser o mais importante na vida da pessoa, como: "...uma planta sensível que requer grande delicadeza para viver, eleva-se ao pré-requisito essencial do casamento, que não terá nenhuma esperança de felicidade sem um verdadeiro afeto, de um lado, e a correspondência desse afeto, de outro" (Macfarlane, 1990, p. 186/7).

Esse sentido do Amor assemelha-se à concepção atribuída por Platão (1972), definido como um impulso que se dirige à pessoa do sexo oposto, ou do mesmo sexo, como um composto afetivo feito de desejo e falta do objeto de desejo, que se caracteriza pela nostalgia do objeto ideal perdido; sofrimento decorrente da perda ou ausência e, por outro lado, de grande alegria na presença desse objeto. Observa-se em tal concepção, a presença constante do paradoxo entre o desejo, o prazer, a satisfação, e em contrário, a falta e o sofrimento.

Essa concepção de Amor vai prevalecer também na Alta Idade Média e ainda durante os séculos XVI a XVIII, quando ocorreu na Europa a grande revolução cultural que começou no Renascimento.

Na Alta Idade Média, esse Amor contemplação característico do Amor-Cortês, da cultura cavaleirística, em que a dedicação a Deus foi substituída por uma Dama, pela qual se suspirava a impossibilidade de possuir, abrindo-se mão da relação carnal. Uma das expressões marcantes é "o desejo insatisfeito" comum também na mística cristã.

Esse amor leigo, que valoriza a mulher, promove uma mudança no vocabulário Amoroso, que se enriquece e se mundaniza. O termo Amor-Cortês implica na relação do Amor-Paixão com o sofrimento e traz a laicização do objeto de amor ao substituir a figura de Deus por uma criatura humana. Ao fazer da Dama, da Senhora, o objeto do Amor, deu-se uma valorização da figura da mulher, influenciando a literatura que em consequência, promoveu um incrível enriquecimento do vocabulário sentimental.

Com a revolução científica do século XVI, a Filosofia Materialista dos séculos XVII e XVIII e o Romantismo Filosófico do século XIX, grandes mudanças se dão. De acordo com as regras mecanicistas deve-se explicar o mais complexo pelas suas partes mais simples. Com isso, deu-se uma reversão na posição que o amor ocupava nas paixões humanas; ele sai do topo da hierarquia idealizada e fantasiosa e vai sendo substituído pelo desejo nas relações amorosas e posteriormente pelo prazer. É quando se pode reconhecer a ocorrência do amalgamento do Amor-Cortês com o Amor-Paixão dando origem ao Amor-Romântico.

Como confirma Macedo: "No Amor-Cortês, com seu código do amor e seus julgamentos nas cortes ou tribunais do amor, encontramos o germe da idealização que constitui o Amor-Romântico" (2010, p. 114).

O ideário do Amor-Romântico

Considerando que a questão do amor, inclusive o Amor-Romântico, sexual deve ter sido objeto de fantasia e pensamento desde os primórdios da evolução humana, será no momento histórico em que o Amor-Romântico começa a marcar presença incorporando os elementos do Amor-Paixão, que irá influenciar, diretamente, as relações conjugais. Faz com que as condutas carinhosas e afetivas, antes secretas no casamento, se tornem públicas: fator essencial para a sua existência e reconhecimento da comunidade sobre os comportamentos considerados lícitos aos esposos.

As raízes dessas mudanças podem ser encontradas nas novas concepções de amor e casamento. O complexo de ideias associadas ao Amor-Romântico pela primeira vez vinculou o amor com a liberdade, sendo ambos considerados como desejáveis nas uniões entre os casais. No entanto, o destino do indivíduo em suas relações pessoais sempre esteve ligado a uma ordem cósmica mais ampla, em que a emergência do Amor estaria intimamente relacionada aos valores morais da cristandade. Era preciso dedicar-se a Deus para através dele tornar-se parte de uma unidade mística em suas relações entre homem e mulher.

Os ideais do Amor-Romântico, resultantes da ressonância dessas concepções, mescladas com elementos do Amor-Paixão que anseiam por liberdade, se inserem diretamente nos laços emergentes entre a liberdade e o auto-conhecimento, a auto-realização, eliminando a intermediação espiritual e religiosa existentes nessas formas de Amor. O Amor-Romântico foi o atenuante encontrado, para fazer a ligação entre os Amor-Paixão e o Amor-Reserva, tornando-se a partir daí até a atualidade, o ideal do amor conjugal. Desta forma, o Amor-Paixão, próprio da vida dos namorados e dos amantes, vai se modificando, ampliando suas possibilidades, tornando-se Amor-Romântico com o elemento de Amor sublimado, mais propriamente inserido na realidade de casados. As virtudes, as qualidades de caráter dos cônjuges predominarão sobre o ardor sexual.

A sexualidade desvincula-se do romance, a partir do século XIX, e das exigências de reprodução, desde o século XVIII, devido à limitação rigorosa da dimensão da família, ocorrem mudanças significativas do que é esperado sexualmente do casamento, tanto pelas mulheres como pelos homens. As mulheres substituem o sexo pelo Amor, para conseguirem amar e serem amadas, esperam receber e proporcionar prazer sexual; o homem, priorizando a satisfação do apetite sexual, como uma característica de sua masculinidade, também quer receber Amor, apesar das aparências em contrário.

O Amor-Romântico se distinguindo do Amor-Paixão, embora possuindo resíduos deste, tende a manter o elemento do Amor sublime predominante sobre o ardor sexual. Giddens (1992) considera a atração imediata como parte do Amor-Romântico, devidamente separada das compulsões sexuais/eróticas do Amor apaixonado.

O primeiro olhar do "Amor à primeira vista", como uma atitude comunicativa total, abrangente, de apreensão intuitiva das qualidades do outro, e o qualifica como um processo de atração por alguém que permite tornar a vida deste outro alguém mais "completa" (1992, p. 51).

É o Amor-Romântico essencialmente feminino, resultado da divisão de tarefas propostas nas uniões. Porém desde suas origens esse Amor suscita a questão da intimidade na busca da complementariedade. Como diz Giddens (1992), "O outro, seja lá quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece (...) e este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro" (p. 56). Essa citação vem de encontro com o que se observa, atualmente, nas propostas de uniões que buscam a completude através do outro, muitas vezes comprometendo a relação devido à perda da própria individualidade na perspectiva de atingir a conjugalidade.

Troya Paz (1989) apresenta uma outra concepção sobre o Amor-Romântico "...um ato revolucionário, uma ruptura do mundo dos demais, criando para o casal romântico um vínculo que os faz se sentirem como os únicos" (p. 6). O enamoramento é um sentimento meta, acima dos fatos ordinários, e que implica num transbordamento da noção de tempo, da auto imagem, da imagem do outro e da visão de mundo. A autora acredita que o casal romântico recorta a realidade à sua maneira, instituindo normas, códigos e costumes que são vividos como novas construções que aspiram a um intenso e único erotismo na complementariedade do corpo de seu amado com o seu próprio, como fonte de desejo, de curiosidade para renovadas descobertas. Cada um dos membros conserva a certeza de ter criado um novo ser, um *vínculo* que nasce da relação pertencente aos dois, ainda porém, que *distinto deles próprios e sendo por si só*, um vínculo que existe desde sempre expresso nas produções artísticas em diferentes épocas e culturas. São revelados, em geral, como amor apaixonado, ligados às tragédias e sofrimentos que se movem numa órbita diferente do matrimônio. Não se trata de um fenômeno distinto, pois se espera que esse casal romântico chegue a constituir uma família através de um contrato explícito e/ou implícito, revelador daquilo que os une e do porque se encontraram e para que continuem e continuarão juntos. Têm pensamentos e sentimentos a respeito do contrato firmado que se convertem em testemunho e depositário da permanência da vida-a-dois.

O romance como sublimação do Amor

O romance não acaba, mas passa a ser assumido nas novelas como forma de narrativa recém-descoberta (século XIX), dando um cunho de reflexividade ao Amor sublime. Para Stone (1982), a modernidade é inseparável da ascendência da razão, em que a compreensão dos processos físicos e sociais substitui as regras arbitrárias do misticismo e dos dogmas. Como a razão não permite espaço para a emoção, expulsando-a de seus domínios, esta passa a fazer parte das atividades cotidianas, buscando êxtase nas histórias romanceadas.

As narrativas mostram as contradições e ambiguidades dos ideais românticos, como a aventura, a liberdade e o espírito desafiador contrário às normas, ao lado de segurança, confiabilidade e completude na busca de auto-realização. Como assinala Moreira Leite (1964/69), são histórias em que a heroína descobre, depois de namoro com outros homens, que seu verdadeiro herói, brilhante e aventureiro, se distingue pelas características exóticas. Contrário às convenções, é um indivíduo íntegro, sólido, que se torna um marido rico e confiável. O grande literato escritor José de Alencar, representante da literatura romântica no Brasil, (meados século XIX) reasaltam a dupla existência do Amor que se expressa numa justaposição de características independentes reunidas numa só personagem. Em *Senhora*, o romance termina com a conciliação entre o útil e o afetivo e em *Lucíola*, devido ao antagonismo das ideias, torna-se impossível conciliá-las e a heroína morre.

Para Giddens (1992) as mulheres foram as mais afetadas e por sua vez as maiores divulgadoras do Amor-Romântico. Realizavam, por meio da fantasia, seus desejos reprimidos, especialmente no período vitoriano em que as regras e costumes as oprimiam. Esse dado é comprovado pela crescente onda das narrativas de histórias românticas, escritas sobretudo por novelistas femininas do início do século XIX aos dias atuais, indicando que o consumo ávido das novelas não tem sido de forma nenhuma um testemunho de passividade da mulher mas, ao contrário, abre-se como espaço para o êxtase que o mundo lhe tem negado.

Nas relações atuais, fruto de conflitos aparentemente insolúveis, permanece o caráter sublimado do Amor-Romântico, na medida em que se torna subordinado à maternidade. A idealização da mulher-mãe cria uma condição tal que a mulher no papel de mãe será a figura central no casamento, o eixo norteador dos relacionamentos familiares, a "rainha do lar", como observa Macedo (1981). Para um grande número delas, o tornar-se mãe continua sendo o acontecimento mais importante de suas vidas. Nesses casos, muito comumente se substitui o Amor-Romântico, o Amor-Apaixonado do par conjugal, pelo Amor-Obrigaçã, voltado ao bem-estar da família, em especial aos filhos, e que deve durar para sempre. Os resultados têm sido muitas vezes desastrosos, obrigando os casais a viverem

anos de infelicidade em virtude da frágil conexão entre o casamento e o Amor, com exigências para continuar indefinidamente.

Deslocamento do Amor conjugal

Os filhos tornam-se o centro das preocupações da família, provocando o deslocamento do centro familiar "...da autoridade patriarcal para a afeição maternal" (May Ryan, 1981, p. 102). Com isso, amplia-se o controle exercido pela mulher na criação dos filhos, que passam a ser menos numerosos e mais vulneráveis. A mulher idealizada como mãe, que faz parte da moderna construção da maternidade, irá associar-se à feminilidade. São qualidades impregnadas desde muito na personalidade feminina, tornando-a a especialista do coração, com domínio sobre as inclinações do marido; enquanto ele a governa pela lei, ela o governa pela persuasão. Como assinala Cancian (1987) a partir de um artigo sobre o casamento, publicado em 1839, "o homem exerce o domínio sobre a pessoa e conduta de sua esposa". Em contrapartida, "...o império da mulher é um império de suavidade... as suas ordens são carícias, suas ameaças, as lágrimas" (p. 21).

Reverendo todo o caminho percorrido pelas mudanças de concepções culturais a respeito do Amor no casamento sob a influência dos ideais românticos, o que se vê, como resultado, é uma maior liberdade de opções para o par conjugal, o que dificulta, sobremaneira, as escolhas e tornando-as mais complexas. Considerando a circularidade existente entre todos esses aspectos o que se percebe é uma mudança gradual, mas significativamente presente, da complexidade do problema, ao mesmo tempo em que se delineiam, mais nitidamente, os reflexos dos ideais voltados para a individualização, das lutas todas em defesa das liberdades individuais, com os sinais de suas influências e de suas consequências.

Acompanhando essas lutas e transformações, torna-se cada vez mais evidente que com a nova condição feminina, a vida em comum como ocorria tradicionalmente, na qual a mulher seguia os passos do homem e a ele servia, não tem muita possibilidade de continuar existindo. Sendo assim, mais do que nunca, o respeito das diferenças deve ser a tônica da relação conjugal, ao menos para aqueles que quiserem preservá-la. Esse fato aponta para o conflito que se estabelece no casamento atual: ao fortalecer o respeito pela individualidade criam-se empecilhos para a condição de conjugalidade pertinente ao cotidiano da vida-a-dois. Esses fatores vêm denunciar, novamente, os pontos de choque nas questões relativas à liberdade de escolha conflitantes com os condicionamentos culturais, fruto dos valores tradicionais que tornam cada vez mais complexa a questão das escolhas conjugais e em interdependência direta as relações maritais.

Individualidade e conjugalidade vivenciada com Amor

Em minhas atuações com casais que apresentam dificuldades em viver a conjugalidade das relações íntimas e afetivas livremente, respeitando as próprias individualidades, faço uso da seguinte metáfora: "O abraço somente é um verdadeiro abraço quando os dois estão firmes em suas duas pernas, caso contrário, será um 'apoio', uma 'bengala', ou outra forma de expressão das necessidades pessoais, mas nunca um abraço verdadeiro".

Com essa citação estou questionando qualquer forma de Amor que tem como proposta um vínculo fusionado, como o Amor-apaixonado, ou Amor-Romântico nos moldes tradicionais, o qual tem sido reconhecido, há muito, como a base necessária para o casamento. Como tenho observado, o casamento é refratário a essa forma de Amor, por conter em si uma qualidade de encantamento, de idealização, que por si só é altamente possessivo, impondo aos que se amam estar juntos todo o tempo disponível. É, sem dúvida, uma exigência inconciliável às necessidades reais dos novos papéis da vida de casados, tais como os deveres e obrigações habituais do cotidiano; incompatível ao desenvolvimento do indivíduo autônomo, capaz de estar bem por si, e somente assim, poder dividir com alguém seus ideais, sua intimidade, seus projetos de vida, numa troca plena e satisfatória. (Munhoz, 2001)

O Amor conjugal é, portanto, ao meu ver, um laço afetivo criado e cultivado, fruto de um relacionamento a dois, *um vínculo*, como descrito por Troya (1989), separado de cada um individualmente mas que pertence aos dois cônjuges, e que, não é autônomo por não subsistir por si. Para se manter vivo e duradouro, deve ser construído, cuidado e alimentado como uma semente que necessita de água, alimento e atenção para se tornar uma planta, crescer e manter-se viva.

Gikovate (1984) sustenta que, nos tempos atuais os desejos libertários prevalecem sobre os românticos, por se caracterizarem como um Amor possessivo, um *vínculo dual de fusão* que impede as pessoas de seguirem sua rota de independência, na busca de uma auto-suficiência partilhada. Utiliza a expressão *o complexo de Príncipe Encantado* parafraseando *o complexo de Cinderela* de Collete Dowling, tendo como intuito explicar o milenar acordo estabelecido entre o homem e a mulher. Define esse acordo como um fenômeno bilateral, com o qual concordo e compartilho em minhas observações clínicas com casais. Os homens demonstram tendência para se apresentarem diante das mulheres como heróis; e isso em função das mulheres terem se habituado a esperar que os homens venham despertá-las de seus sonhos de *bela adormecida*, com o beijo que lhes dará a luz, a partir daí gravitam ao seu redor "paparicando-o" e dele recebendo estímulo e proteção.

O Amor após os movimentos sócio-culturais

No começo do século, o cinema com os filmes de Charles Chaplin e seus Amores sublimados, mais adiante, os filmes hollywoodianos dos anos 40 e os contos de M. Delli enfatizam as fantasias românticas nas relações Amorosas, tornando precursores das representações afetivas atuais. Mais recentemente, por volta de 1950, o movimento existencialista francês provoca a revolução dos costumes, levando a pensar a sexualidade cada vez mais desvinculada do matrimônio e vinculada à relação amorosa. As pessoas que se amam, não necessitavam casar-se para ter relações sexuais. A revolução hippie, com o surgimento do rock and roll, e sua mensagem de Paz e Amor, prega a procura das emoções e afeto nas relações, demonstrada pela soltura e expressões corporais, presentes nas vestimentas, nas posturas e comunicações, nas expressões de carinho com maior aproximação física, que irão repercutir nas narrativas dos romances e das novelas atuais.

Essas novelas têm denunciado o movimento presente, em que os anseios Amorosos restringem-se à subjetividade das pessoas, sem ter muito claro como realizá-los, procurando numa tentativa persistente, encontrar o caminho que não os incompatibilize com a liberdade pessoal. E por serem essas buscas, muitas vezes, excessivamente idealizadas em nome do Amor, perdem a noção do cotidiano e dos obstáculos a serem compartilhados, enfrentados e superados a dois.

A partir dos fatos descritos, pode-se notar o movimento circular sistêmico das relações entre casais, ao sofrerem as influências multifatoriais referentes à moral, religião e crenças, da época dos movimentos sócio-culturais, científicos e tecnológicos, em especial com o advento da pílula, ocorrentes nos períodos entre meados e fim do século XX, continuam vivendo um processo com significativas transformações. A mulher, com a emancipação feminina, vive o impulso sexual liberta da obrigatoriedade de se casar e não terá mais a necessidade de instrumentalizar sua sexualidade no casamento, uma vez que, pode vivê-la de maneira livre e gratificante fora dele. E tornando-se pessoalmente realizada não terá necessidade de utilizar da união conjugal como um trampolim para angariar status ou realizar suas ambições frustradas. O objetivo dessas mulheres será, a partir de então, encontrar na companhia masculina muito mais o prazer de compartilhar, do companheirismo, da amizade, numa busca de completude, de igualdade de direitos e deveres, do que manter a posição submissa em troca de apoio e proteção.

Amor na pós-modernidade

Dando sequência às transformações profundas que atingem as relações familiares, com sentidas mudanças nas relações conjugais, evidencia-se a

desmoralização da sacralidade do casamento e a redução da reprodução biológica. O casamento e a família neste contexto caracterizam-se pelo aprofundamento do individualismo, que estimula a instabilidade das relações íntimas, favorecendo as aspirações individuais e as constantes reformulações de projetos. É a aceitação da heterogeneidade, da desconinuidade e da efemeridade das relações. Pode-se observar esses fenômenos ocorrendo nas formas alternativas de uniões, bem como nas diferentes formações familiares atuais. As mulheres desafiando a divisão entre o espaço público e privado conquistaram o seu direito de cidadãs: passaram a ter o direito de decisão sobre a fecundidade; como donas e responsáveis pelo seu próprio corpo e pelo trabalho que desempenha e com autonomia que essa posição garante, poderá decidir o que é melhor para si. Com isso, as relações íntimas e sexuais estão sendo redefinidas, na busca de ajustes para atender às necessidades atuais. Porém, nessas transformações permanece uma tentativa de conciliação dos ideais do Amor-Romântico, procurando manter as relações de intimidade baseadas no Amor, na confiança mútua, na fidelidade entre os conjugues, como valores próprios da modernidade, característicos da família nuclear burguesa (Vaitsman, 1994).

Para obter melhor compreensão destes movimentos históricos me apoio nas teorias revolucionárias e novo-paradigmáticas de Humberto Maturana (2004), como herdeiro natural de Bateson nos estudos sobre os comportamentos humanos, quando diz que nossas ações são resultantes de nossas escolhas, subordinadas a nossos desejos e preferências ao emergirem do entrelaçamento de nossa biologia e nossa cultura. Para ele a história da humanidade segue um curso determinado pelas emoções e que se humano não é dotado somente de razão, mas também de emoções e que o emocional humano tem o mesmo peso e valor e que contribui para a construção do mundo da mesma forma e na mesma proporção que o racional. Defende com segurança que é possível resgatar o ser humano do domínio da dor e do sofrimento, que tem origem cultural, fazendo uso de instrumentos como a linguagem, a reflexão e a Amorosidade, porque acredita que 90% do sofrimento humano tem origem no desamor (Mathis, 2010).

Nesta mesma linha de pensamento, Morin (1997) compartilha com Maturana ao abandonar a ideia tradicional de homem racional – *homo sapiens* – própria do modernismo e amplia essa concepção para a de *homo sapiens-demens*. Segundo ele, a qualidade de *sapiens* atribui ao ser humano a razão e a sabedoria. Entretanto, ser *homo sapiens* implica ser igualmente *demens*, isto é, manifestar uma afetividade externa convulsiva, com paixões, cóleras, gritos, mudanças brutais de humor, fonte permanente de delírios. Entre o *homo sapiens* e o *homo demens*, bem como entre a sabedoria e a loucura, não há uma fronteira nítida. No amor, além de serem inseparáveis, sabedoria e loucura interpenetram mutuamente.

Morin situa a sua discussão sobre o Amor na visão novo paradigmática do homem e da ciência. Visão que o autor sintetiza na metáfora do tecido quando

define etimologicamente complexidade. Complexidade – *complexus* – tecido junto. Essa metáfora nos remete ao olhar o Amor compreendido na amplitude das suas dimensões. Sendo em si um paradoxo que nos faz perceber a sua bipolaridade. Por um lado, um ardente Amor espiritual que tem medo de se degradar no contato carnal, e de outro, uma animalidade intensa. Essa bipolaridade pode aprisionar o indivíduo entre o Amor sublime e o desejo infame, e, apesar disso, o diálogo entre essas duas instâncias pode efetivar-se na plenitude do encontro do corpo e da alma (Salazar, 2010).

Para Morin, o Amor, como tudo o que é vivo, encontra-se submetido ao princípio da degradação. Mas os seres vivos vivem de sua própria desintegração, combatendo-a com a regeneração. O Amor só se vive renascendo incessantemente, diz que: “O Amor implica regeneração permanente do Amor nascente” (1997, p. 24).

O Amor nos faz descobrir a verdade do outro, a autenticidade do Amor não está só em projetar a nossa verdade sobre o outro e ver o outro exclusivamente segundo nossos olhos, mas, sim, em abrir um espaço facilitador para nos deixar contaminar pela verdade do outro. Nessa visão, a tragédia do Amor surge pela incompreensão de si e do outro, mas a sua beleza consiste na interpenetração da verdade do outro em si e em encontrar a própria verdade por meio do outro. A união na separação e a separação na união é, segundo Morin, o que vai caracterizar o Amor, não só o Amor maternal, também o Amor entre os parceiros. Procurando entender suas definições de Amor a partir de seu olhar da complexidade, podemos captar a dialógica do Amor, da sabedoria e da loucura advinda do *sapiens demens*, que faz do Amor um paradoxo que inclui a dança dos opostos, mas que vai além dos opostos e contradições e dá significado ao Amor sob o paradigma da complexidade.

Complexidade definida por Morin (1991) como o oposto de disjunção, fragmentação e exclusão, próprias do paradigma cartesiano ou da simplicidade. A complexidade inclui, não separa, dialoga com os opostos permitindo uma dança entre eles, indo além das contradições que o olhar simplificador não aceita. A partir dessa concepção, o Amor é o ápice da união entre loucura e sabedoria, contendo em si a contradição fundamental, a copresença da loucura e da sabedoria. Por isso na pós-modernidade entendemos o sentimento de Amor acompanhado por uma enorme variedade de outros sentimentos entre os quais podemos citar: alegria, tristeza, ansiedade, euforia, inquietude, desespero, esperança, predominando, inseparavelmente, a ideia de paradoxo: prazer e sofrimento.

De fato, as discussões sobre o Amor não se esgota, já há muitos e muitos anos. Tem sido debatido ao longo da história humana por filósofos, biólogos, sociólogos, psicólogos e muitos outros estudiosos, todos com valiosas contribuições. No entanto, Morin (2001) situa a sua discussão sobre o Amor na visão novo paradigmática do homem e da ciência. Visão que está sintetizada na

metáfora da complexidade - o que é tecido junto. Essa metáfora nos remete à compreensão do Amor na amplitude das suas dimensões, colocando-nos diante das contradições da vida, das quais não podemos escapar enquanto estivermos vivos.

O importante é saber que nossa vida é fruto de nossas escolhas; que não conseguimos controlar os acontecimentos, portanto, precisamos estar atentos para lidar com o imprevisível e que nosso bem estar e suposta felicidade depende de nossa capacidade de amar. Citando Macedo, retomo ensinamentos de Santo Agostinho:

Assim como o Amor é construído, a felicidade que deriva dele também o é. Gostaria de mudar um adágio antigo que diz: A felicidade está onde nós a pomos, e nunca a pomos onde nós estamos! Eu diria: a felicidade está onde nós a pomos, o problema é pô-la onde nós estamos! Para tanto, não podemos perder a capacidade de sonhar e querer ser feliz (Macedo, 2010, p. 119).

Finalizando, podemos afirmar com segurança que temos a possibilidade de amar, por ser o Amor um dos temas nucleares na existência humana. É indiscutível a importância de se ter acesso a ele para que um ser humano se desenvolva bem, constituindo-se como um ser que cresce, aprende e que esteja bem consigo, com o outro e com o mundo que o cerca.

Referências

- Arendt, H. (1996). *Condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Ariés, P. (1978). *História social da criança e da família*, Rio de Janeiro. Zahar, Título original: *L'enfant et la vie familiale sous l'ancien regime*, Paris: Edit. du Seuil, 1973.
- Bíblia Sagrada (1965). Rio de Janeiro: Barsa.
- Cancian, F. (1839/1987). *Love in America*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Giddens, A. (1993). *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: Unesp Editora.
- Gikovate, F. (1984). *O Amor nos anos 80*. São Paulo: Ed. Associados.
- Macedo, R. M. S. (1981). *A mulher na família*. Trabalho Apresentado no XV Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental - novembro de 1981.
- Macedo, R. M. S. (2010). *Ocaso da vida, ocaso do amor?* In G. M. C. F. Montoro e M. L. P. Munhoz *Desafio do amor: questão de sobrevivência*. São Paulo: Roca.
- Macfarlane, A. (1990). *História do casamento e do amor: Inglaterra 1300/1840*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mathis, R. C. S. de, (2010). *O emocional matrístico na construção do mundo: um espaço de amor na obra de Humberto Maturana*. In G. M. C. F. Montoro e M.

- L. P. Munhoz *Desafio do amor: questão de sobrevivência*. São Paulo: Roca.
- Maturana, H. & Verden-Zöllner, G. (2004). *Amar e brincar – Fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athenas.
- May Ray (1981). *The Cradle of the Middle Class*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Montoro, G. M. C. F. (2010). O desafio do amor: uma questão de saúde pública. In G. M. C. F. Montoro e M. L. P. Munhoz, *Desafio do amor: questão de sobrevivência*. São Paulo: Roca.
- Moreira Leite, D. (1964/1969). *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Pontez.
- Morin, E. (1997). *Amor poesia sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Morin, E. (1991). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, E. (2001). *O método IV: as ideias*. Porto Alegre: Sulina.
- Munhoz, M. L. P. (2001). *Casamento; ruptura ou continuidade dos modelos familiares?* São Paulo: Expressão & Arte Editora.
- Platão (1972). *O banquete*. São Paulo: Abril Cultural, (Os pensadores).
- Rougemont, D. (1988). *O amor e o ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. Título original: - *L'Amour et l'Occident*. Paris: Editions du Seuil, 1973.
- Salazar, M. C. A. (2010). *O amor sob o paradigma da complexidade: a visão do amor segundo Edgar Morin*. São Paulo: Roca. In G. M. C. F. Montoro e M. L. F. Munhoz *Desafio do amor: questão de sobrevivência*. São Paulo: Roca
- Stone, L. (1982). *The family, sex and marriage in England, 1500 – 1800*. London: Harmonds-Worth.
- Troya, E. P. (1989). *Acerca de la pareja romántica*. Seminário apresentado no II Curso Internacional Familias y Sistemas, em Instituto Latinoamericano de Estudios de la Familia, México.
- Vainfas, R. (1986). *Casamento, amor e desejo no Ocidente Cristã*. São Paulo: Ática.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e famílias em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Endereço para correspondência

marilumunhoz@uol.com.br ou mlmunhoz@unifio.br